

A Arquitetura da Disciplina:

A Relação entre Maurício Tragtenberg e Michel Foucault

The Architecture of Discipline:

The Relationship between Maurício Tragtenberg and Michel Foucault

La arquitectura de la disciplina:

La relación entre Maurício Tragtenberg y Michel Foucault

Rafael Gomes N. Pereira¹

RESUMO

O presente ensaio tem por objetivo analisar a concepção educacional de Maurício Tragtenberg a partir de sua intersecção com Michel Foucault. Para tanto, partiremos da concepção de Maurício Tragtenberg sobre a educação burocrática, indicando como esta última foi constituída para atender as necessidades de reprodução do capitalismo. No contexto capitalista, a educação inclinou-se para a reprodução da força de trabalho, exercendo um controle sobre as práticas e sobre os corpos a partir de mecanismos punitivos, de forma próxima ao que desenvolveu Michel Foucault em “Vigiar e Punir”.

Palavras-chave: Maurício Tragtenberg; Michel Foucault; Educação; Punição.

ABSTRACT

This essay aims to analyze Maurício Tragtenberg's educational conception based on its intersection with Michel Foucault. To this end, we will start from Maurício Tragtenberg's conception of bureaucratic education, indicating how the latter was constituted to meet the needs of capitalism's reproduction. In the capitalist context, education was inclined towards the reproduction of the workforce, exercising control over practices and bodies through punitive mechanisms, similar to what Michel Foucault developed in “Discipline and Punish”.

Keywords: Mauricio Tragtenberg; Michel Foucault; Education; Punishment.

RESUMEN

1Doutorando em Sociologia pela Universidade de Brasília (PPGSOL/UnB) e bolsista CNPq. É membro do Grupo de Pesquisa Pensamento Social Latino-Americano do Diretório do CNPq, integrando a linha “Pensamento e Teoria Social”. Agradecemos aos pareceristas pelos valiosos comentários que auxiliaram no desenvolvimento da argumentação apresentada. E-mail: rafaelgnp@gmail.com/Orcid: 0000-0003-4722-0425.

El objetivo de este ensayo es analizar la concepción de educación de Maurício Tragtenberg a partir de su intersección con Michel Foucault. Para ello, partiremos de la concepción de Maurício Tragtenberg sobre la educación burocrática, indicando cómo ésta se constituyó para atender a las necesidades de reproducción del capitalismo. En el contexto capitalista, la educación se orientaba a la reproducción de la fuerza de trabajo, ejerciendo control sobre las prácticas y los cuerpos a través de mecanismos punitivos, semejantes a los que Michel Foucault desarrolló en “Vigilancia y Castigo”.

Palabras clave: Maurício Tragtenberg; Michel Foucault; Educación; Castigo.

Introdução

A figura de Maurício Tragtenberg ganhou notoriedade no espaço intelectual a partir de suas contribuições críticas à Teoria Geral de Administração. Com a publicação de sua obra “Burocracia e Ideologia”, sistematizada em 1974, sua presença nos estudos organizacionais se tornou recorrente e aspectos fundamentais de suas elaborações teóricas ganharam circularidade. Ainda assim, o produto intelectual de Maurício Tragtenberg tem muito a oferecer diante da riqueza e pluralidade sob as quais foi construído. Ensejando um aprofundamento em suas reflexões, o presente artigo tem por objetivo averiguar a contribuição de Maurício Tragtenberg ao fenômeno educacional a partir de uma possível interlocução com Michel Foucault. Considerando a percepção de Maurício Tragtenberg sobre a educação organizada em torno do poder disciplinador, intentamos percorrer a interpelação de sua análise sobre a educação com a crítica de Michel Foucault contida em sua descrição sobre a sociedade punitiva. Com especiais vistas aos livros “Vigiar e Punir” e “O Poder Psiquiátrico”, nosso intuito consiste em pensar as aproximações com Maurício Tragtenberg diante da educação como um dispositivo disciplinador da sociedade moderna e necessário para a reprodução do capitalismo. No contexto de sua crítica, a política educacional tornava-se, para Maurício Tragtenberg, uma forma de controle e manutenção das desigualdades sociais. O capitalismo dependia diretamente da educação, pois esta última era uma estrutura necessária para sua existência como mecanismo que garantia a extração do valor.

O modo como se constituiu a interpelação com Michel Foucault não poderia ser entendida, contudo, se não nos recordássemos do ponto de articulação do pensamento de Maurício Tragtenberg: a burocracia. Dessa forma, a perspectiva foucaultiana foi mediada pela compreensão do mecanismo burocrático e sua função de dominação dentro do capitalismo. Parece-nos, portanto, que Maurício Tragtenberg estudou o



exercício do poder a partir de uma medição entre Michel Foucault e Max Weber, vinculando o controle punitivo à burocracia como a forma por excelência de dominação do capitalismo moderno. Isso reflete um pensamento profundamente original por parte de Maurício Tragtenberg e um campo profícuo de reflexão, especialmente quando nos voltamos para a organização do sistema educacional no cenário da modernidade capitalista. O presente ensaio pretende explorar esse ponto de interseção e averiguar como Maurício Tragtenberg construiu sua compreensão acerca dessa economia política da punitividade no contexto da educação, indicando como o controle produtivo do conhecimento era necessário para a formação de uma mão-de-obra especializada e capacitada a reproduzir a ordem social vigente. A educação no capitalismo era punitiva, pois deveria acentuar o conformismo e o controle de corpos dóceis para atender as demandas do capital. A hipótese fundamental deste ensaio reside na tentativa de compreender como, partindo de Max Weber e Michel Foucault, o pensamento de Maurício Tragtenberg caminhou para a análise da educação burocrática como uma tecnologia de controle necessário à manutenção do capitalismo.

Dividindo este ensaio em duas partes principais, temos, na primeira seção, uma discussão centrada na análise de Maurício Tragtenberg da burocracia a partir da sociologia weberiana e seu enfoque na racionalização capitalista. Na segunda seção, nos detivemos na interpelação de Maurício Tragtenberg por Michel Foucault a partir da concepção deste último das relações de poder inerentes ao contexto institucional para a análise do cenário educacional. A escola, diante da racionalidade capitalista, tornou-se uma instituição de finalidade corretiva e voltada para a manutenção do poder de determinados setores sociais por parte dos corpos controlados. Por fim, propusemos uma breve conclusão sem qualquer pretensão de esgotar o debate.

Maurício Tragtenberg: o fenômeno burocrático a partir de Max Weber

A produção intelectual de Maurício Tragtenberg² esteve diretamente associada à sociologia de Max Weber. Não por menos, Maurício Tragtenberg (1997) foi o responsável pela tradução e organização de textos fundamentais da sociologia weberiana para além de toda a mobilização do instrumental teórico oriundo de

2 Aos leitores interessados em dados propriamente biográficos sobre Maurício Tragtenberg, sugerimos o trabalho de Fabiana de Cassia Rodrigues (2022). De igual modo, reconhecemos como o pensamento de Maurício Tragtenberg extrapolou a presença da sociologia weberiana e avançou por caminhos próprios.



“Economia e Sociedade”. Reconhecendo essa interpelação, ensejamos seguir aqui um outro caminho interpretativo e propor uma possível aproximação entre Maurício Tragtenberg e Michel Foucault a partir da constituição do espaço escolar como uma instância de relações de poder³, uma relação que, de forma inicial, foi esboçada no artigo “Relações de poder na escola”, escrito em sua primeira edição no ano de 1985 e publicado na revista “Educação & Sociedade”. Logo nas páginas iniciais, lemos a seguinte consideração:

O que interessa é conhecer como essas relações se processam e qual o pano de fundo de ideias e conceitos que permitem que elas se realizem de fato. A nós interessa analisar a escola através de seu poder disciplinador. Conforme diz o pensador francês Michel Foucault, a escola é o espaço onde o poder disciplinar produz o saber (Tragtenberg, 1985, p. 1).

Ao estabelecer a relação entre a escola e o poder disciplinador, Maurício Tragtenberg colocou em pauta a função da escolarização dentro do contexto do desenvolvimento capitalista ao longo do século XIX. As demandas produtivas condicionadas pela reprodução do valor social do trabalho constituíram uma necessidade de escolarização pautada não na crítica humanista, mas na composição de uma mão de obra treinada para execuções técnicas na esteira fabril. Isso foi algo constituído historicamente diante da gênese do capitalismo, que promoveu a “introdução da técnica e a ampliação da divisão do trabalho” e fez do contexto educacional uma “fábrica de homens utilizáveis” (Tragtenberg, 2018, p. 184).

Para que a educação formasse indivíduos adaptados ao seu local de trabalho, foi necessário a constituição de uma instância específica de dominação marcada pela instauração da burocracia. Uma burocracia que, de acordo com Maurício Tragtenberg (2018, p. 185), tinha por objetivo a “organização, planejamento e estímulo” da produtividade a partir da separação entre os produtores e os meios produtivos. O diálogo, antes de Michel Foucault, tinha sido travado com Max Weber, já que a preocupação deste último estava relacionada ao processo de racionalização inerente à modernidade ocidental e às transformações nas esferas sociais. Trata-se de uma

3 Vale aqui informar que, no trabalho de Doris Accioly e Silva (2019, p. 308), encontramos Michel Foucault como uma fonte de diálogo para Maurício Tragtenberg. Nosso intuito neste ensaio é ampliar esse diálogo, perquirindo possíveis pontos de aproximação e afastamento. De modo próximo, Marcelo de Jesus Phintener (2021), ao realizar um preciso levantamento sobre a bibliografia consultada por Maurício Tragtenberg, constatou a presença das obras de Michel Foucault e que acabaram por fazer parte de seu campo de leitura.



preocupação weberiana que, de acordo com Maurício Tragtenberg (1966, p. 177), estava fundamentada em compreender os valores que moviam os “homens de negócios frios e lúcidos” diante da “crescente racionalização da economia”, aliada “a uma especialização profissional” proveniente da tendência à despersonalização das relações sociais cada vez mais voltadas para finalidades práticas. Com o processo de modernização, a racionalidade técnica⁴ determinou a transição de uma cosmovisão especulativa para uma visão mais pragmática, que, cada vez mais, voltou-se para a intensificação de ações sociais vinculadas à procura de determinados meios para obtenção de fins racionalmente controláveis. Maurício Tragtenberg (1966, p. 191) encontrou em Max Weber a descrição de como a “imaginação moderna” era permeada por uma atitude intramundana de dominação do mundo, que, diante ética da convicção, exortava o “trabalho especializado” e a dedicação ao comportamento ascético. Se a paixão de Max Weber era compreender as “forças que configuram a sociedade ocidental”, o contexto da modernização produziu um referencial valorativo mediado pela mecanização do processo produtivo e a intensificação da procura pelo lucro (Tragtenberg, 1966, p. 170). Recorrendo à construção tipológica feita por Max Weber, Maurício Tragtenberg afirmou:

A autoridade pode ser distinguida segundo três tipos básicos: a racional-legal, a tradicional e a carismática. Esses três tipos de autoridade correspondem a três tipos de legitimidade: a racional, a puramente afetiva e a utilitarista. O tipo racional-legal tem como fundamento a dominação em virtude da crença na validade do estatuto legal e da competência funcional, baseada, por sua vez, em regras racionalmente criadas. A autoridade desse tipo mantém-se, assim, segundo uma ordem impessoal e universalista, e os limites de seus poderes são determinados pelas esferas de competência, defendidas pela própria ordem (Tragtenberg, 1997, p. 14).

Eis que aqui a burocracia se fazia presente: a necessidade de superar “os limites estabelecidos pelos materiais do mundo orgânico” exigiu a constituição de uma nova forma de organização societária, que visasse a obtenção de determinados fins com o maior grau de precisão e rapidez, tendo como fonte de legitimidade a crença na ordem

⁴ A complexidade do pensamento de Max Weber e as limitações impostas pela extensão deste ensaio nos impedem de detalhar a questão da modernidade de forma satisfatória. O que aqui apresentamos diz respeito à interpretação de Maurício Tragtenberg da sociologia weberiana. Para o leitor que deseja se aprofundar nas discussões sobre a modernização em Max Weber, sugerimos o trabalho de Carlos Eduardo Sell (2012).



abstrata instituída (Weber, 1980, p. 141). A burocracia inaugurava a forma mais racional do exercício da dominação racional-legal, pois ela acompanhava o crescimento da complexidade societária e o aumento de demandas quantitativas e qualitativas. Quando se tratava de “tarefas complexas”, disse Max Weber (2014, p. 204), “o trabalho burocrático remunerado não apenas é mais preciso, como também muitas vezes mais barato no resultado final”. A administração burocrática tinha caráter especificamente racional, sendo necessária para que o capitalismo tivesse “um nível de pleno desenvolvimento” (Weber, 1980, p. 141). O ponto que despertou a atenção de Maurício Tragtenberg no raciocínio weberiano estava na exigência de um conhecimento cada vez mais especializado no processo produtivo, constituindo um contexto educacional em que a dominação se realizava em virtude do conhecimento. Isso foi algo que Maurício Tragtenberg (2018, p. 184) localizou no século XIX diante de um cenário histórico em que ocorreu a “introdução da técnica e a ampliação da divisão do trabalho”, levando “à necessidade de a universalização do saber ler, escrever e contar”. A posição social do indivíduo estava condicionada ao conhecimento profissional por ele possuído, convertendo o conhecimento profissional na instância determinante daquele que dominava diante daqueles que eram dominados. Max Weber (1982, p. 232) enfatizou o vínculo entre o exercício profissional e o treinamento rígido para a formação de um funcionário em sua obra “Ensaio de Sociologia”, espaço no qual encontramos a seguinte passagem:

A ocupação de um cargo é uma “profissão”. Isso se evidencia, primeiro, na exigência de um treinamento rígido, que demanda toda a capacidade de trabalho durante um longo período de tempo e nos exames especiais que, em geral, são pré-requisitos para o emprego. Além disso, a posição do funcionário tem a natureza de um dever. Isso determina a estrutura interna de suas relações, da seguinte forma: jurídica e praticamente, a ocupação de um cargo não é considerada como uma fonte de rendas ou emolumentos a ser explorada, como ocorria normalmente durante a Idade Média e frequentemente até recentemente (Weber, 1982, p. 232).

Era decisivo para a fidelidade moderna que os profissionais estivessem vinculados entre si por laços impessoais e visando a máxima capacidade produtiva. No capitalismo, a forma de dominação era feita por meio da divisão social do trabalho, disposta por uma arregimentação burocrática, ocasião em que a vida intelectual se tornou fundamentalmente utilitarista. “Normalmente”, disse Max Weber (1982, p. 250),



“as empresas capitalistas modernas, muito grandes, são em si mesmas modelos sem igual da organização burocrática rigorosa”, pois as “Tarefas individuais são atribuídas a funcionários que têm treinamento especializado”. A burocracia era necessária para atender à exigência da calculabilidade, organizando-se sob o princípio *sine ira ac studio*: o “capitalismo desenvolve-se mais perfeitamente na medida em que a burocracia é desumanizada”, eliminando “dos negócios oficiais o amor” (Weber, 1982, p. 251). Diante dessa descrição, Max Weber fez, em momento posterior, a seguinte afirmação:

Naturalmente, a burocracia promove um modo de vida “racionalista”, mas o conceito de racionalismo possibilita uma ampla variedade de contextos. Geralmente, podemos dizer apenas que a burocratização de todo o domínio promove, de forma muito intensa, o desenvolvimento de uma “objetividade racional” e do tipo de personalidade do perito profissional. Isto tem ramificações de longo alcance, mas somente um elemento importante do processo pode ser indicado aqui: seu efeito sobre a natureza do treinamento e educação (Weber, 1982, p. 277).

No contexto social racionalizado, educação era sinônimo de adestramento para a superação e a renúncia das paixões. Era o contexto educacional que, na tessitura burocrática, estabelecia a divisão do trabalho e garantia a fundamentação produtiva. Percorrendo esse fio interpretativo, Maurício Tragtenberg discorreu de forma mais detida sobre a questão da escolarização no cenário burocrático e o papel educacional no contexto capitalista. Em uma passagem do seu artigo “A Escola como Organização Complexa”, Maurício Tragtenberg (2018, p. 184) afirmou que o objetivo do ensino era o de “transmitir o saber e mais ainda preocupado em inserir-se na sociedade” para garantir algum tipo de ascensão social diante de cargos e funções de maiores rendimentos salariais. Assim, o sistema educacional formava “a mão-de-obra destinada a manter nas fábricas o despotismo do capital” diante da deformação dos “dados econômicos em detrimento dos assalariados” e da constituição contínua de modelos de controle (Tragtenberg, 1985, p. 2).

Mais do que a burocracia em si, o que despertou a atenção de Maurício Tragtenberg foi a inquietação weberiana diante da dissolução da liberdade frente ao avanço da racionalização. Nas instâncias de uma sociabilidade cada vez mais desencantada⁵ e marcada pelo abandono de velhas certezas, a educação tinha sido

5 Maurício Tragtenberg (2001, p. XII), aqui, se manifestou acerca da questão do “desencantamento do mundo”, presente no pensamento weberiano. Cientes da complexidade que a noção de “desencantamento

reduzida a uma “técnica instrumento a serviço do capital” e contribuído para a destituição do significado da vida (Tragtenberg, 2001, p. XII). Ao estabelecer uma rotinização do trabalho, a dominação burocrática condicionou um tipo de instrução voltada para a mobilização dos indivíduos rumo a um produtivismo respaldado pela necessidade técnica, sequestrando⁶ o real interesse pelo conhecimento crítico e a possibilidade de uma compreensão integral da realidade. O pensamento reflexivo se esvaía.

Maurício Tragtenberg e Michel Foucault

Se Max Weber deu a Maurício Tragtenberg a possibilidade de pensar o fenômeno da burocracia, a compreensão em si do funcionamento burocrático foi produto da interpelação de Maurício Tragtenberg com as colocações de Michel Foucault, especialmente as reflexões realizadas em “Vigiar e Punir”. Parece-nos que Maurício Tragtenberg foi um dos primeiros intelectuais brasileiros a explorar o potencial analítico fornecido pelo filósofo francês para investigar o funcionamento da instituição escolar. Uma relação que foi construída por Maurício Tragtenberg ao assumir a escola como um espaço de exercício de poder. Um poder produzido por circunstâncias históricas específicas e mantido pela produção de saberes oriundos de dispositivos de controle. Em uma passagem de “Vigiar e Punir”, Michel Foucault registrou a seguinte passagem:

Vejam os exemplos da “classe”. Nos colégios dos jesuítas, encontrava-se ainda uma organização ao mesmo tempo binária e maciça: as classes, que podiam ter até duzentos ou trezentos alunos, eram divididas em grupos de dez; cada um desses grupos, com seu decurião, era colocado em um campo, o romano ou o cartaginês; a cada decúria correspondia uma decúria adversa (Foucault, 1987, p. 174).

Retomando o exemplo jesuítico, Michel Foucault indicou como o sistema educacional atuava como uma instituição que, mobilizando seus respectivos dispositivos internos, organizam o corpo estudantil para o cumprimento de uma

acarreta, sugerimos, para aqueles que desejarem uma compreensão mais aprofundada dessa querela, o trabalho de Antônio Flávio Pierucci (2013).

⁶ Como sugerido por Antônio Ozaí da Silva (2004, p. 12), Maurício Tragtenberg utilizou, por vezes, a expressão “sequestro do conhecimento”.



determinada finalidade. Ao percorrer o século XVII, Michel Foucault (1987, p. 233) formulou a hipótese de que a escola se tornou uma margem de controle lateral, construindo “minúsculos observatórios sociais” capazes de “formar crianças dóceis” e disciplinadas. Dessa forma, existiria um entrelaçamento entre o poder disciplinar e a educação, já que o objetivo final do aprendizado era reproduzir um corpo de valores e conhecimentos que atendiam aos interesses de uma elite dirigente. A partir de determinados parâmetros avaliativos, a escolarização se transformou em um “instrumento de sujeição” a partir de um conjunto de conhecimentos voltados para a “racionalização do trabalho” (Foucault, 1987, p. 247). Diante desse cenário, Michel Foucault (1987, p. 247) localizou um duplo movimento que atingiu a educação a partir do século XVIII: de um lado, a “arrancada epistemológica a partir de um afinamento das relações de poder” mediante a constituição de um *corpus* de saberes legitimados a partir do conhecimento como algo metodologicamente alcançável; do outro, multiplicação dos efeitos de poder graças à formação e à acumulação” desses novos conhecimentos oriundos da pretensão de cientificidade. Tudo isso nos possibilita observar como o sistema escolar estava circunscrito ao sistema punitivo e exercia um importante papel na dinâmica produtiva a partir da normalização do “comportamento dos indisciplinados ou dos perigosos” por meio da “elaboração técnica e uma reflexão racional” de mecanismo de controle (Foucault, 1987, p. 322).

Se voltarmos à análise feita por Roberto Machado (2006, p. 58), veremos como o pensamento foucaultiano sobre o espaço escolar estava em diálogo com a questão do “Grande Enclausuramento” apontado na “História da Loucura”, pois educar era uma dos mecanismos utilizados pela racionalidade como “um instrumento de um poder político que, laicizando a moral e realizando-a em sua administração, não apenas exclui da sociedade aqueles que escapam às suas regras, mas, de modo mais fundamental, cria, produz uma população homogênea”. Para Michel Foucault, “a loucura foi excluída da ordem da razão a partir de Descartes”⁷ de modo semelhante aos indivíduos que, quando afastados da instituição escolar, eram estrangeiros compreendidos como um “não-ser” diante se sua externalidade do campo da racionalidade. Algo que havia se iniciado no contexto da ordem religiosa chamada de Irmãos da Vida em Comum, que, na passagem para o século XIV, incorporaram técnicas emprestadas da vida conventual a partir de um certo “número de exercícios ascéticos que tornavam emprestados de toda uma

7 Tal afirmação foi retirada de Roberto Machado (2006, p. 56).



tradição do exercício religioso” (Foucault, 2006, p. 51). A educação foi tomada como um processo acumulativo de determinados conteúdos simbólicos que, privilegiando determinados pontos e elementos, atuava na manutenção e no prolongamento da distinção entre os papéis sociais no contexto produtivo. Michel Foucault (2006, p. 66) direcionava os estudantes de acordo com um conjunto de “sistemas disciplinares” que classificavam e vigiavam, marginalizando aqueles que não se adequavam à distribuição dos papéis produtivos. Disse Michel Foucault:

Do mesmo modo, é a partir do momento em que há disciplina escolar que vocês veem aparecer algo como o débil mental. O irreduzível à disciplina escolar só pode existir em relação a essa disciplina; aquele que não aprende a ler e a escrever só pode aparecer como problema, como limite, a partir do momento em que a escola segue o esquema disciplinar (Foucault, 2006, p. 67).

O entrelaçamento entre a questão educacional e a “História da Sexualidade” fica aqui evidenciado: em ambos os casos, aqueles indivíduos que se afastaram da “norma do desenvolvimento” definida historicamente e considerada legítima por uma vontade de saber e mediados por uma nova economia de controle (Foucault, 1988, p. 10). Se a repressão era “o modo fundamental de ligação entre poder, saber e sexualidade”, de acordo com Michel Foucault (1988, p. 10), poderíamos propor uma relação entre poder, saber e educação a partir do monitoramento das hierarquias sociais diante da máxima eficiência produtiva. Concluiu Michel Foucault:

Em suma, o poder disciplinar tem a dupla propriedade de ser anomizante, isto é, de sempre pôr de lado certo número de indivíduos, de ressaltar a anomia, o irreduzível, e de ser sempre normalizador, de sempre inventar novos sistemas recuperadores, de sempre restabelecer a regra. Um perpétuo trabalho da norma na anomia caracteriza os sistemas disciplinares (Foucault, 2006, p. 68).

Descrevendo esse cenário, Michel Foucault chegou a uma conclusão que parece ter instigado diretamente a Maurício Tragtenberg: os indivíduos que se desviavam da conduta pedagógica estabelecida eram remanejados para um cenário de exclusão e tratados como incapazes de se adequarem à sociabilidade moderna. De acordo com Michel Foucault:

Do mesmo modo, quando é que apareceu essa categoria que chamamos de delinquentes? Os delinquentes - não são os infratores - é verdade que toda lei tem como correlato a existência de infratores que violem a lei-, mas o delinquente como grupo inassimilável, como

grupo irreduzível, só pode aparecer a partir do momento em que existe uma disciplina policial em relação à qual ele emerge. Quanto ao doente mental, ele é sem dúvida nenhuma o resíduo de todos os resíduos, o resíduo de todas as disciplinas, aquele que é inassimilável a todas as disciplinas escolares, militares, policiais, etc., que podem ser encontradas numa sociedade (Foucault, 2006, p. 67).

Aqueles que se colocavam externos à cláusula educacional eram considerados delinquentes e eram enviados às “escolas para débeis mentais” como uma maneira de organizar a “marginália” colaborando “efetivamente com o trabalho” e as relações sociais de produção (Foucault, 2006, p. 68). Nessa esteira, Maurício Tragtenberg (1985, p. 4) propôs que “a escola se constitui num observatório político, um aparelho que permite o conhecimento e controle perpétuo de sua população através da burocracia escolar, do orientador educacional, do professor ou até dos próprios alunos”. Assim,

As áreas do saber se formam a partir de práticas políticas disciplinares, fundadas na vigilância. Isso significa manter o aluno sob um olhar permanente, registrar, contabilizar todas as observações e anotações sobre os alunos, através de boletins individuais de avaliação, ou uniformes modelo, por exemplo, perceber aptidões, estabelecendo classificações rigorosas (Tragtenberg, 1985, p. 1).

A escola disciplinava como forma de garantir a formação de uma mão-de-obra voltada para integrar as unidades produtivas. No contexto capitalista, a educação foi direcionada para ampliar o domínio do indivíduo sobre a natureza e sobre o ambiente social, levando o saber a adquirir aspectos meramente instrumentais. Uma mudança que, em termos filosóficos, Maurício Tragtenberg (1979, p. 27), foi descrita como a passagem do “sei que nada sei” socrático, “aplicável em formações pré-capitalista”, para o “saber é poder” de Francis Bacon. A instrumentalização do saber seguiu uma trajetória histórica de Francis Bacon ao neopositivismo⁸, definindo “uma linha de saber instrumental” que vinculava sua “comprovação empírica” a uma possível aplicação técnica (Tragtenberg, 1979, p 27). Aqueles que integravam as fileiras do sistema educacional deveriam, ao fim e ao cabo, serem treinados para o desempenho de determinadas atividades técnicas capazes de intensificar o processo produtivo. Por isso a escola deveria garantir o “controle minucioso sobre o corpo do cidadão”, objetivando

⁸ Para uma apreensão mais detalhada sobre o “neopositivismo”, sugerimos a leitura de Maurício Tragtenberg (1985).



formar “corpos submissos” por meio da imposição de uma relação de “docilidade e utilidade” (Tragtenberg, 1985, p. 1).

Se a escolarização se organizava a partir de um modelo instituído para “efetuar a vigilância constante”⁹, o modelo do *Panopticon* proposto por Michel Foucault¹⁰ parece ter ecoado na reflexão de Maurício Tragtenberg. Se o *Panopticon* fornecia “exatamente a fórmula política e técnica mais geral do poder disciplinar”, a escola enquanto dispositivo socialmente constituído não poderia ser eliminada dessa relação (FOUCAULT, 2006, p. 52). Mesmo sem referenciar diretamente ao *Panopticon*, parece-nos possível pensar o texto “Relações de poder na escola” com um fundo foucaultiano pautado na discussão sobre o modelo constituído por Bentham. Vejamos isso mais de perto a partir da comparação de dois trechos, começando por Michel Foucault:

O Panopticon é um multiplicador; é um intensificador de poder dentro de toda uma série de instituições. Trata-se de tornar a força do poder mais intensa, sua distribuição melhor, seu alvo de aplicação mais certo. No fundo, são os três objetivos do Panopticon, e Bentham diz isso: “sua excelência consiste na grande força que ele é capaz de dar a toda instituição a que é aplicado”. E, numa outra passagem, diz que o que há de maravilhoso no Panopticon é que ele “dá aos que dirigem a instituição uma força hercúlea” (Foucault, 2006, p. 92).

Já em Maurício Tragtenberg, encontramos a seguinte passagem:

A escola se constitui num centro de discriminação, reforçando tendências que existem no “mundo de fora”. O modelo pedagógico instituído permite efetuar vigilância constante. As punições escolares não objetivam acabar ou ‘recuperar’ os infratores. Mas, ‘marcá-los’ com um estigma, diferenciando-os dos ‘normais’, confiando os a grupos restritos que personificam a desordem, a loucura ou o crime (Tragtenberg, 1985, p. 2).

Se os médicos e psiquiatras se preocupavam com a custódia jurídica a partir da classificação de determinados “distúrbios”¹¹, o campo educacional identificava os

9 Trecho retirado de Maurício Tragtenberg (1985, p. 2).

10 Sobre o modelo do *Panopticon*, Salma Muchail (2004) e Roberto Machado (2006) indicaram como Michel Foucault o mobilizou como uma espécie de arquétipo das instituições disciplinares oriundas do seu contato com o pensamento de Jeremy Bentham. Um espaço privilegiado para observarmos essa relação encontra-se no livro “O Poder Psiquiátrico”, ocasião em que Michel Foucault (2006) estabeleceu uma profícua discussão com as colocações de Jeremy Bentham.

11 Termo mobilizado por Michel Foucault (2006) em sua análise sobre o poder psiquiátrico e a ânsia da ciência moderna em classificar.



“desvios patológicos” que deveriam ser controlados para garantir o funcionamento em máxima eficiência da reprodução do valor. Aqueles que eram contrários à ordem escolar deveriam estar “perpetuamente sob o olhar de alguém” para que, por meio dos recursos punitivos, a disciplina “tomar-se-á um hábito” (FOUCAULT, 2006, p. 59).

A crítica de Maurício Tragtenberg focalizou o papel que a escolarização desempenhava como instrumento racional de reforço e preparação das estruturas produtivas dentro da economia capitalista. Por isso, Antônio Ozaí da Silva (1999, p. 9) foi certo ao demonstrar que, para Maurício Tragtenberg, a escolarização se organizava em “função de uma ideia produtivista”, envolvendo “docentes e discentes numa obsessiva competição” pela máxima apresentação de resultados diante de uma “quantidade de saber”. Os membros inseridos nesse ecossistema estavam submetidos numa “espécie de estado hobbesiano onde a lei do mais forte se impõe e os obriga a derrotar seus oponentes”, estruturando uma perspectiva pedagógica voltada para uma quantidade de saber “administrado homeopaticamente” (SILVA, 1999, p. 9).

Diante desse cenário no qual o ensino tende “a alienar os indivíduos em benefício da produção dominante”, Maurício Tragtenberg (1980, p. 54) alimentou uma atitude pedagógica fundamentalmente libertária que consistia na revalorização do “saber informal”. Um saber que, para ser resgatado, não deveria ter como centro “o professor” ou “a instituição, mas o aluno” (TRAGTENBERG, 1990, p. 59). O poder disciplinar poderia ser combatido a partir de uma autogestão que tomasse como centro o aluno.

A recusa do sacrifício do intelecto: por uma pedagogia libertária

Para além de uma reflexão teórica aguda, o posicionamento de Maurício Tragtenberg em relação ao fenômeno burocrático transpassava sua própria formação intelectual. O jovem que “devorava livros”¹², movido por uma sede de conhecimento, formulou seus primeiros passos na vida intelectual a partir de uma conduta autodidata. Ao que tudo indica, Maurício Tragtenberg manteve para si uma postura um tanto quanto libertária em seus estudos, de modo a se movimentar por um vasto campo de interesses movido pela vontade sincera de aprendizado. Em acordo com Antônio Ozaí da Silva (2008, p. 100), Maurício Tragtenberg “foi um intelectual cuja formação é anterior e exterior ao sistema de ensino formal”, utilizando de seu autodidatismo como “uma

12 Aqui estamos em diálogo com Antônio Ozaí da Silva (2008, p. 79).



estratégia de sobrevivência” e uma “atitude de resistência a dominação”. Uma resistência que permeou sua proposta de uma pedagogia libertária como um caminho crítico ao ensino tradicional e a tentativa de afirmação do indivíduo.

Aos moldes do que defendeu 1982, por ocasião da II Conferência Brasileira de Educação¹³, Maurício Tragtenberg amparou uma perspectiva pedagógica pautada em instâncias horizontais. Assim, o espaço educacional encontraria um caminho para a valorização do indivíduo a partir de sua reaproximação do conteúdo social com a autogestão do ensino. Para que isso fosse conquistado, a educação deveria valorizar o conhecimento anterior adquirido pelas experiências dos indivíduos a partir de um processo de incorporação da cultura popular na discussão dos espaços formais de ensino. No fundo, parece que Maurício Tragtenberg procurou encontrar meios de romper esse cenário de dominação e estabelecer a autodeterminação do sujeito.

Bibliografia

ACCIOLY E SILVA, D. **A educação escolar na obra-trajeto de Maurício Tragtenberg: legitimação do poder versus autogestão pedagógica**. In: BOTO, C., ed. **Clássicos do pensamento pedagógico: olhares entrecruzados**. Uberlândia: EDUFU, p. 293-17, 2019.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1988.

_____. **O Poder Psiquiátrico**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2006.

_____. **Vigiar e Punir: nascimento da Prisão**. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

PHINTENER, M. J. **As fontes filosóficas do pensamento de Maurício Tragtenberg: inventário e subsídios para compreensão de uma filosofia de combate**. Dissertação (Mestrado em Filosofia). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2021.

PIERUCCI, A, F. **O Desencantamento do mundo: Todos os Passos do Conceito em Max Weber**. São Paulo: Editora 34, 2013.

PROTETITI, H. **A burocracia na sociologia da dominação de Max Weber: Contribuições**

à pesquisa educacional. **Revista em Tese**, v. 18, n. 1, p. 253-277, 2021.

RODRIGUES, F. C. **Contribuições de Maurício Tragtenberg: a delinquência da educação no Brasil**. **Revista Argum**, Vitória, v. 14, n. 1, p. 48-62, jan./abr. 2022.

SELL, C. Max Weber e a sociologia da educação. **Revista Contraponto**, v. 2, n. 2, p. 207-215, 2002.

_____. Racionalidade e Racionalização em Max Weber. **Revista Brasileira de Ciências Sociais (RBCS)**, v. 27, n. 79, p. 153-233, 2012.

SILVA, A. O. Maurício Tragtenberg e a Pedagogia Libertária. **Lutas Sociais**, v. 6, p. 7-20, 2004.

SILVA, A. O. Maurício Tragtenberg e a Pedagogia Libertária. **Lutas Sociais (PUCSP)**, São Paulo, v. 06, p. 7-17, 1999.

13 Os pormenores do II Congresso de Educação Brasileira foram levantados por Antônio Ozaí da Silva (2008, p. 145).



- _____. **Maurício Tragtenberg: Militância e Pedagogia Libertária.** Ijuí (RS): Editora Unijuí, 2008.
- TRAGTENBERG, M. A delinquência acadêmica [1982]. In TRAGTENBERG, M. **Sobre educação, política e sindicalismo.** São Paulo: Ed. Unesp, [1982] 2004.
- _____. **Administração, poder e ideologia.** São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- _____. **Educação Brasileira: diagnóstico e perspectivas [1979].** In TRAGTENBERG, M. **Educação e burocracia.** São Paulo: Ed. Unesp, [1979] 2012.
- _____. A Escola como Organização Complexa. **EDUCAÇÃO & SOCIEDADE. SEÇÃO COMEMORATIVA.** Educ. Soc. 39 (142). Jan-Mar, 2018.
- _____. **Memórias de um Autodidata no Brasil.** São Paulo: Editora Escuta, 1999.
- _____. O conhecimento expropriado e reapropriado pela classe operária – Espanha 80. In: **Educação & Sociedade**, n.8. São Paulo: Cortez e Autores Associados, set. 1980, p. 53-62.
- _____. O Pensamento de Max Weber. **Revista de História**, [S. l.], v. 32, n. 65, p. 169-191, 1966.
- _____. **Os Economistas: Max Weber (Textos Seleccionados).** Apresentação. São Paulo: Editora Nova Cultura, 1997.
- _____. Relações de Saber e Poder na Escola. **Lua Nova**, v. 1, n. 4, p. 68-72, 1985.
- VIANA, A. **O Pensamento de Maurício Tragtenberg.** Goiânia: Editora Ragnatela, 2022.
- WEBER, M. **Economia e Sociedade.** Brasília: Editora UnB, 1999.

Submetido em: 28/10/2024

Aceito em: 04/12/2024